

Música negra na Paraíba: a cena periférica de João Pessoa¹

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO ORAL

SIMPÓSIO: Hip-Hop e Músicas Eletrônicas Periféricas: diálogos, cenas, circuitos e desdobramentos

Mariana Marcela de Santana Duarte²
Universidade Federal da Paraíba
marisantanamusica@gmail.com

Maria Regilâni Ângelo de Souza³
Universidade Federal da Paraíba
regilaniangelo@gmail.com

Resumo. Este trabalho apresenta um mapeamento inicial da produção musical negra na cena periférica de João Pessoa, PB, situando-se no campo da Etnomusicologia. Diante do silenciamento histórico sobre as trajetórias afro-paraibanas, a pesquisa busca enfrentar a seguinte questão: “onde estão as informações sobre as gentes negras e sua produção musical na Paraíba?”. Através da análise de gêneros como Pagode, Hip-Hop, Funk, Afrojazz e Forró de Favela, argumenta-se que as periferias da capital funcionam como quilombos urbanos — territórios de direito e espaços estratégicos de resistência cultural. O estudo evidencia como artistas e produtoras locais subvertem discursos acadêmicos dominantes que marginalizam essa produção, utilizando a performance musical como ferramenta de demarcação territorial e afirmação de uma identidade diaspórica em constante movimento.

Palavras-chave. Música negra, Periferia, Quilombos urbanos

Title. Black music in Paraíba: the peripheral scene of João Pessoa

Abstract. This work presents an initial mapping of Black musical production within the peripheral scene of João Pessoa, Paraíba, situated in the field of Ethnomusicology. Given the historical silencing of Afro-Paraiban trajectories, the research seeks to address the following question: 'where is the information regarding Black people and their musical production in Paraíba?'. Through the analysis of genres such as Pagode Hip-Hop, Funk, Afrojazz and Forró de Favela, it is argued that the capital's peripheries function as urban quilombos — territories of rights and strategic spaces of cultural resistance. The study demonstrates how local artists and producers subvert dominant academic discourses that

¹ Agradecemos à professora Dra. Eurides de Souza dos Santos pela disciplina Tópicos em Música Brasileira: Música Negra na Paraíba e pelas discussões e reflexões que foram de suma importância para a realização deste trabalho. Como parte do levantamento feito para a disciplina, este trabalho discorre sobre questões que emergiram durante as aulas e que seguem possibilitando reflexões. Agradecemos também o apoio das agências de fomento à pesquisa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior - Brasil CAPES - Código do Financiamento 001 e a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba - FAPESQ, com o termo de concessão de bolsa nº 174/2025.

² Bolsista FAPESQ e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba na subárea de Etnomusicologia.

³ Bolsista CAPES e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba na subárea de Educação Musical.



marginalize this production, employing musical performance as a tool for territorial demarcation and the affirmation of a diasporic identity in constant motion.

Keywords. Black music, Periphery, Urban quilombos

Introdução

A cena da música negra periférica em João Pessoa carrega consigo a diversidade de gêneros musicais e movimentos que evidenciam a presença negra, o senso de comunidade e a demarcação territorial presente na própria história da cidade. Longe de ser apenas um registro do passado, essa produção musical constitui-se como história viva, que ressignifica as favelas como territórios de direitos e espaços de resistência. As favelas também são consideradas como espaços de reinscrição de modos de vida, resistência, apoio mútuo, sendo reconhecidas também como quilombos urbanos (Nascimento, 1980; Nascimento, 1985).

Como parte de um mapeamento maior que busca identificar as pessoas negras que formam a cena musical paraibana⁴, esse trabalho consolida um recorte que apresenta a cena da música negra periférica de João Pessoa na Paraíba. O estudo dispõe da seguinte questão norteadora: “Onde estão as informações sobre as gentes negras e sua produção musical na Paraíba?”. O mapeamento foi realizado sobretudo a partir de perfis no Instagram. É importante ressaltar que as mídias sociais são espaços importantes de visibilidade, resistência e senso de comunidade visto que a presença online constitui parte significativa das nossas vidas — sobretudo por configurarem como “vitrines” de autodivulgação. Foi possível encontrar perfis específicos cujo propósito é divulgar esses artistas, suas produções musicais e suas parcerias com produtoras musicais independentes, que exercem um importante trabalho na cena. O impacto das produtoras independentes se revela na tentativa de minimizar as barreiras, violências sociais e simbólicas para alcançar um reconhecimento, principalmente na falta de recursos e acessos para realização de suas produções.

Este recorte focaliza o protagonismo de artistas negras e negros da cena periférica de João Pessoa, cujas manifestações musicais reinscrevem as periferias como quilombos urbanos e espaços estratégicos de resistência e permanência. Através da efervescência de gêneros como o Pagode, Hip-Hop, Trap, Funk, Forró de favela, Afrojazz e Batidão, esses sujeitos subvertem discursos marginalizantes e transformam o mapa simbólico da capital paraibana, afirmando sua identidade e direito à cidade. Complementarmente, destaca-se a atuação de produtoras locais,

⁴ Coordenado pela professora Dr. Eurides de Souza dos Santos (UFPB). A questão norteadora, por sua vez, foi trazida pela mesma professora.

que desempenham um papel vital na mediação e difusão dessa cena, permitindo que a artistas negros e negras utilizem a música e as mídias sociais como espaços para narrar suas realidades e garantir sua existência social.

Um pouco sobre a cena musical periférica

Como mapeamento inicial, de caráter processual e em constante atualização, esse trabalho não pretende esgotar a densidade da cena musical periférica tratada, mas sim oferecer um recorte significativo de sua vitalidade. Cientes de que a dinâmica dessas manifestações ultrapassa qualquer tentativa de catalogação definitiva, os nomes aqui arrolados funcionam como representantes da efervescência e pluralidade que definem a música negra em João Pessoa. Essa diversidade sonora, que transita entre o Pagode, Hip-Hop, o Rap, Afrojazz, o Brega Funk e o Forró de Favela, evidencia como esses artistas operam na construção da música negra na cidade. O Quadro 1 organiza artistas e gêneros mapeados nesta etapa da pesquisa, sublinhando a legitimidade dessas expressões frente ao silenciamento histórico.

Quadro 1 - Artistas e gêneros musicais

Nome Artístico	Gênero Musical
Acarajow	DJ
Acerola	Rap, Hip-Hop, MBP
Adriana Azevedo	Forró de Favela
Afrosonoro	MBP
AFúria Negra	R&B, Hip-Hop
Alanzinho	Samba, Pagode
Artemya	Rap/Hip-Hop
Asec	Rap, Hip-Hop, MBP
Bia Martins	Forró de Favela
Bixarte	Rap, Hip-Hop, Afrobeat, Pop, MBP
Bonyeva	R&B, Pop, MBP
Claudio Gomes	Afrojazz, Reggae, Afrobeat
Evla Bertoldo	Samba, Pagode
Felupe	Brega Funk



Gaby Hardman	MBP, Pop
Gil Bala	Brega Funk
Helo Nascimento	Samba, Pagode
Helton Souza	Samba, Pagode
Jaayp	Hip -Hop, Trap
Keylla Kaya	Reggae, Dub
Lau Capym	MBP, Pop, R&B
Marcilio	DJ
Mari Santana	MBPI, MBP Afro jazz, Hip-Hop, Afrobeat
Mc'Hirlla	Rap/Hip-Hop
Merliah	Hip Hop, Trap
Neguin do Rap	Pagodão, Hip-hop, Afrobeat, Trap
Nel no Beat	DJ
UG Original	Forró de Favela, Pagodão, Hip -Hop, Trap
Sacal	Rap, Hip-Hop, Dancehall
Totonho	Coco de embolada, Funk, Rock, Samba, Rap

Fonte: elaboração própria (2026)

No que tange aos modos de fazer, a cena de João Pessoa oscila entre a autonomia da produção independente e a articulação em torno de produtoras locais, que funcionam como importantes centros de mediação e resistência. Esses espaços não apenas viabilizam o registro sonoro, mas operam como infraestruturas que garantem a existência social e a difusão da mensagem periférica. Entre os principais polos desse mapeamento, destacam-se:

- BBS Lab: Laboratório de experimentação sonora e ensaio, idealizado pelos produtores Big Jesi e DJ Guirraiz;
- RED Rangel: Estúdio focado na convergência musical e audiovisual que, ao sediar-se no bairro Rangel, reforça a demarcação territorial e o senso de comunidade através de eventos de cunho beneficente;
- N13 prod: Núcleo de gravação e gestão artística sob a liderança do produtor e DJ Nel no Beat, fundamental para a profissionalização e visibilidade da cena local.

Os eventos beneficentes e estúdios de ensaios e gravação garantem que a música negra



periférica e a existência das pessoas que atuam nessa cena seja possível. Mesmo diante da escassez de recursos, tais polos operam sob o princípio do apoio mútuo, reafirmando o desenvolvimento artístico através dos incentivos coletivos e atuando como uma forma de quilombo urbano.

Quilombos urbanos e a produção musical negra

*“No dia 14 de maio, eu saí por aí,
Não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir.
Levando a senzala na alma, subir à favela.
Pensando em um dia descer, mas eu nunca
desci.” (Lazzo Matumbi)*

É comum a gente se deparar no universo acadêmico com falas que se abstêm sobre a existência, na atualidade, da produção musical e artística das periferias. É como se uma dúvida se fizesse presente quando o tema é acionado ou as pesquisas nesses eixos temáticos ficassem sempre sobre responsabilidade de grupos específicos. Historicamente, as favelas são territórios expostos a diversos tipos de violências, e é um conhecimento comum e presente nos estudos de negritude e artes periféricas negras, que vivenciamos um processo de genocídio da população negra em curso, que atravessa os processos pós-abolição até os dias de hoje (MBEMBE, 2018). Da mesma forma, os meios de comunicação se dedicam a um reforço contínuo de disseminação, convencimento social e propagação de uma ideia que nesses territórios o que impera são as violências. Esta pesquisa, na busca por responder a pergunta motora inicial, investiga alguns desses fatores que impedem o trânsito de informações e de conhecimento por parte de uma maior rede de pessoas da Paraíba sobre as produções artísticas negras periféricas atuais.

Considerando aqui a música como uma das expressões culturais que mais fortalecem e organizam as possibilidades de desenvolvimento das pessoas faveladas, colecionamos relatos de artistas oriundos das favelas que não deixam de pontuar como a música foi uma oportunidade de existir perante o racismo estrutural e ambiental. E como a música é um forte elo que liga o contexto histórico, território dos artistas à sua produção musical e à escolha de como ser visto (a) no universo artístico permeiam esses processos sociais. Assim, não dá para falar de música negra nas periferias no singular, pois estas produções andam lado a lado com a demarcação territorial, resistência, estética, cultura, identidade negra e trabalho.

Também é importante destacar aqui que essas práticas e formas da cena negra desenvolvidas nas favelas são processos de reinscrição de modos de fazer arte, que seguem um



fio condutor que liga as cosmovisões de mundo de ser negro na diáspora brasileira, bem como, desenvolvimento de processos coletivos, continuidade, corporeidade e ancestralidade (Gilroy, 2001; Gomes, 2017). Nesse sentido, a produção musical atua na demarcação do espaço urbano, reafirmando que “as cidades estão nos quilombos” e não o contrário, aproximando-se da compreensão de quilombo como princípio organizador e político da população negra (Nascimento, 1980; Nascimento, 1985).

Sob essa perspectiva, a produção musical negra periférica de João Pessoa opera como uma forma de quilombismo, criando genuínos focos de resistência física e cultural dentro da malha urbana (Nascimento, 1980). Essas práticas musicais podem ser compreendidas como formas de territorialidade negra e de continuidade dos modos de vida afrodiaspóricos. Ao dar voz à ancestralidade, aos processos criativos que reinscrevem as sonoridades e gêneros musicais da música brasileira popular, as musicalidades negras periféricas combatem o epistemicídio racial (Carneiro, 2005; Munanga, 1996), bem como o epistemicídio sonoro. Ao insistir nas suas formas de produzir música, os (as) artistas afirmam seus próprios valores e modos de existência, entrando num campo de disputa de produção de diferentes formas de construção artística na música, potencializando a cultura negra periférica e enfraquecendo as categorias impostas pelo sistema colonial do que é cultura (Bispo dos Santos, 2015).

Nesse caminho, na busca de estratégias de subsistências, a cena periférica atua como um meio de defesa ao subverter a lógica colonial e preservar modos de vida que o Estado e o mercado tentam apagar ou mercantilizar. Assim, a música existe também na função de defesa desses territórios, pois ao se propagar, garante a continuidade da memória e da identidade, criando um mapa territorial simbólico e sonoro no qual a lógica e os desdobramentos dos processos coloniais não conseguem penetrar plenamente. Nesse processo, os quilombos urbanos sonoros entram em processo de autogestão, gerenciamento artístico coletivo, produção de bailes e festas que garantem a atuação em palco dos (das) artistas e divulgação das músicas, estabelecendo assim uma continuidade das artes negras nas periferias.

Considerações finais

Ao retomar a indagação central deste estudo — “onde estão as informações sobre as gentes negras e sua produção musical na Paraíba?” — conclui-se que a resposta não se encontra apenas em arquivos oficiais mas também na presença expressiva dessas pessoas nas plataformas digitais e em suas performances. O mapeamento realizado demonstra que a cena musical de

João Pessoa, longe de ser um fenômeno isolado, é o desdobramento de uma longa trajetória de sociabilidades e resistências negras que remontam ao período escravista e atravessam o século XIX com os batuques e maracatus até a cena contemporânea com a produção musical periférica.

A análise evidencia que os territórios das periferias e favelas de João Pessoa funcionam como quilombos urbanos, espaços onde a música atua como ferramenta de demarcação territorial e afirmação de cidadania. Ao nomear suas comunidades e narrar suas realidades, artistas como Bixarte, Gil Bala e grupos de Rap/Hip-Hop subvertem o estigma da violência e transformam a música em espaço de vida, registrando a existência social de uma população historicamente silenciada.

Ao estudar a cena da música negra periférica de João Pessoa também nos deparamos com uma negação da existência dessas práticas. Lembramos que a perseguição estética e a marginalização sofrida por gêneros como o Funk, o Brega Funk e o Rap ecoam táticas de criminalização similares àquelas aplicadas ao Maracatu no passado, outrora rotulado como “aberração da moralidade” pela imprensa paraibana do século XIX. No entanto, a permanência dessas expressões revela a força de uma identidade diaspórica que se reinventa.

Por fim, reforçamos que reconhecer a legitimidade acadêmica da música negra periférica é um passo indispensável, tendo em vista que a favela é território de resistência mas sobretudo de existência, na qual a música se apresenta como parte importante. Espera-se que este estudo abra caminho para novas investigações que continuem a dar visibilidade às gentes negras paraibanas, cujas vozes continuam a ecoar como frestas de liberdade e resistência.

Referências

CANUTO, Diêgo de Souza. Cantoria africana: Maracatu e imprensa na Cidade da Parahyba em meio ao escravismo e pós-abolição (1865-1888). In: 33º **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 2025, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ANPUH, 2025.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005.

DOS SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos, modos e significados**. UnB. Brasília, 2015

FAUSTINO, Deivison; Walter, Ippod. Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana. 1.ed. - São Paulo: Boitempo, 2023.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Editora 34, 2001.

GOMES, Lilian Cristina Bernardo. O movimento negro educador. **Sapere Aude**, v. 9, n. 17, p. 341-347, 2018.

LOPES, Adriana Carvalho; FACINA, Adriana. Cidade do funk: expressões da diáspora negra nas favelas cariocas. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, Brasil, n. 6, p. 193–206, 2012. DOI: 10.65625/ryz26d49. Disponível em: <https://revistaagcrj.rio.br/index.php/ojs/article/view/96>. Acesso em: 20 jun. 2026.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. n-1 edições, 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Revista Afrodiáspora**, v. 3, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

SANTOS, Eurides; Sodré de Souza, Luan; Santos, Marcos (orgs.). **Música e Pensamento Afrodiaspórico**. Série Pesquisa em Música no Brasil, vol.10. Salvador/BA: Diálogos Insubmissos; ANPPOM; Coletivo Mwanamuziki, 2022.

SCHERZINGER, Martin. Notes on a Postcolonial Musicology: Kofi Agawu and the Critique of Cultural Difference [Agawu, Kofi. 2003. Representing African Music: Postcolonial Notes, Queries, Positions. New York and London: Routledge, 304 pp.]. **Current Musicology**, n. 75, 2003.

SILVA, Breno. Colonização, quilombos, modos e significações: Colonization, quilombos, modes and meanings. **Argumentos-Revista Do Departamento De Ciências Sociais Da Unimontes**, v. 15, n. 2, p. 250-258, 2018.